

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistadora: Maria Clara Gonçalves Brito Corrêa da Silva.

Entrevistada: Shu (Luzia Sigolo).

São Paulo, 18 de junho de 2022.

Duração: 35 minutos e 22 segundos.

Realizada presencialmente.

Maria Clara: Pronto... Então, hoje é dia 18 de junho e a gente tá aqui em Araçoiaba da Serra dando início à entrevista com a Shu, também conhecida como Luzia Sigolo, mas... é a Shu (riso), dentro do Projeto Acervo de Múltiplas Vozes, sob coordenação da professora Sumaya Mattar, da ECA-USP. É, então, Shu... oi!

Shu: Oi! Boa noite pra todo mundo, tudo bem? Boa noite pra professora também. É... desculpa a minha voz meio... (riso) hum, meio... de taquara rachada mas... é a minha, né, então... tudo bem com... (reformula) desejo que essa entrevista seja muito produtiva.

Maria Clara: É... obrigada. Então, só pra deixar registrado, tudo bem gravar, né?

Shu: Claro!

Maria Clara: Muito obrigada. É... então a primeira pergunta que eu queria fazer é de onde que vem o nome Shu!

Shu: Bom, quando eu era pequena... é... eu tenho um irmão que é sete anos mais velho do que eu. Daí esse irmão brincava muito comigo e me chamava de um nome muito estranho, que era Churiba. E esse apelido, ele tirou do nada! É Churiba, ele começou a me chamar disso daí. E aí todo mundo começou a me chamar de Chu, por causa de Churiba, né, aí virou... virou Chu. E depois, quando eu cresci, eu fui fazer o exame da Ordem dos Músicos do Brasil. E eles perguntaram pra mim se eu tinha algum nome artístico pra registrar. E aí eu registrei Shu, com S-H-U, porque, até então, eu escrevia com C-H. Mas, depois que me registraram na carteira da Ordem, virou Shu com S-H.

Maria Clara: Ah! Que legal!

Shu: É isso!

Maria Clara: Legal. Uma história bonita. É... então, a próxima pergunta é... se você puder contar um pouco de como começou a sua relação com a música.

Shu: Olha, desde que eu nasci, eu sinto que eu tenho esse dom artístico com a música. Mas eu tenho... esse meu irmão, que é músico também, e ele tinha uma banda, e o baterista dele era um menino, que na época tinha uns doze, treze anos. E ele era muito chato! Ele não deixava eu pôr a mão na bateria dele. E eu toco bateria, né. E toco um pouco de violão e um pouco... assim, é, de... e faço percussão também. Mas a bateria dele me encantava, eu gostava muito. E um dia teve ensaio na casa da minha mãe, num sábado, e ele foi com a bateria dele pra ensaiar e ele falou pro meu irmão assim “olha, vai ter ensaio amanhã, então eu já vou deixar a minha bateria aqui, mas você tem que me garantir que a sua irmã não vai mexer”. E como eu não enxergava direito, eu enxergava só um pouco, então eu não conseguia ver como que era exatamente a bateria. Eu queria pôr a mão. Só que ele não deixava. Então ele falou “olha, eu vou deixar a bateria aqui mas a sua irmã não pode mexer”. Aí o meu irmão falou “tudo bem, eu prometo pra você que ela não vai mexer”. E aí, minha mãe tinha um quarto e cozinha no fundo da casa dela, e eles ensaiavam lá, e a bateria ficou lá. E o meu irmão saiu pra tomar café com alguns amigos dele, que nem eram da banda, à noite, e eu fui lá. E aí

eu comecei a fazer um som e... é... ele chegou, de repente. E quando ele chegou de repente ele viu que eu tava tocando já. Aí ele pegou a guitarra dele e nós começamos a fazer um som juntos. E o que que aconteceu? Logo depois ele terminou a banda e começou a tocar comigo. Então esse dom é uma coisa nata. Eu nunca precisei pegar um professor que me desse noção de... de ritmo, de alguma coisa... não. Sempre foi uma coisa que eu tive nata mesmo. E foi assim que eu comecei a tocar. E segui em frente. Depois eu fiz um curso de percussão pelo MEC. Depois eu estudei com um baterista que você não... não... não tinha nem nascido ainda, que é o Rubens Barsotti, que é do grupo do Zimbo Trio, que era muito antigo, e ele me deu uns seis meses de aula mas assim, só pra me ensinar umas técnicas de viradas, de... de... umas técnicas que eu precisava um pouco de... de punho, sabe? Pra... pra segurar as baquetas, assim, mas pouquíssima coisa. Não deu seis meses. Aí ele falou “ah, vai embora, porque você... o seu negócio é praticar, e tocar, e acabou, pronto”. Aí fui embora e pronto, é isso aí. Até hoje tô nessa vida, de tocar.

Maria Clara: Que legal.

Shu: É.

Maria Clara: Nossa. E... foi só, assim, o pulo... o pulo do gato, que ele te ensinou?

Shu: É, esse professor me ensinou o pulo do gato mesmo, assim, só como segurar a baqueta, prestar atenção quando tinha uma virada importante pra passar de um prato pro outro, né... Mas isso depois de muito tempo, porque essa... essa noção que eu tive quando meu irmão começou a tocar comigo, eu tinha doze anos. Eu tinha a idade do baterista dele. Minha mãe me deu a minha primeira bateria com treze anos. E logo em seguida eu comecei a tocar na noite, né, com o meu irmão. Daí naquele tempo tinha ajuizado de menores que... que... que pegavam no pé, então quando o ajuizado chegava eles me escondiam na cozinha, pra que eu pudesse ficar ileso de alguma coisa, né. E eu comecei a tocar muito cedo. Toquei 25 anos na noite em São Paulo. Agora só faço festa, ou algumas apresentações em barzinho, mas não trabalho mais à noite como eu trabalhava.

Maria Clara: Ah... nossa, que legal!

Shu: Bom, né?

Maria Clara: É! E... e ao longo desse processo todo você sente que o... o fato de você ser deficiente visual impactou muito essa relação com a música ou... ou nem?

Shu: Não, não tive problema nenhum. Porque, quando eu monto a bateria, eu monto a bateria de um jeito que antes de tocar eu ponho a mão em todas as peças pra ver onde tá. E depois eu ataco, aí eu começo a tocar e não tem problema nenhum. E na época que eu comecei a trabalhar à noite, eu não tinha uma casa que eu não fosse procurar trabalho que eu não sáísse trabalhando. Eu já ia... a gente fala “dar uma canja”. A gente dava uma canja na casa e a gente já saía empregado. Então eu nunca tive problema com isso. Graças a Deus nunca tive, mas eu acho que depende muito da gente também. Acho que depende assim, da... de como você se coloca, sabe? De como você aceita a tua deficiência, pra não... pra... porque de repente você pode você mesma criar um... uma situação em que a pessoa fique sem saber o que fazer quando você chega. E se você aceita, né... e... e não... não tem assim, tipo, nenhuma revolta, nenhuma... nada, então aí é mais fácil. Então eu não tive problema nenhum.

Maria Clara: Que bom! Legal. É... então. Próxima pergunta é como você vê a relação entre... você já falou disso, né?

Shu: Tudo bem.

Maria Clara: Entre talento e aprendizado, né, que...

Shu: Aprendizado e talento?

Maria Clara: É.

Shu: É assim. O talento, você vem com ele. Ele já tá... eu acredito que ele já vem inscrito, que você já traz com você. E o aprendizado, a gente nunca para de aprender mesmo tendo talento. Porque conforme você tem teu talento e se acomoda, você fica só com aquilo. E eu sempre tive vontade de aprender. Tanto é que eu tocava com os discos. É... eu ouvia música de rádio, que na minha época era de rádio, né, não sei se tem alguma pergunta que vai falar que... que você vai perguntar a minha... é... a minha idade, mas eu vou falar já. Eu tenho 66 anos e eu nasci em 1955, então na minha época era rádio, ou os discos de vinil, então eu acompanhava na minha vitrola – óia, como é... (risos) tô me entregando, né! Na minha vitrola, os discos... é, tocavam os discos de vinil. E a gente sempre teve a música dentro de casa. A minha mãe sempre gostou muito de música. Ela não tocava nada, mas ela ajudou muito o meu irmão. Quando o meu irmão começou a tocar acordeom, ela ajudava o meu irmão a fazer as notas, ela ia lendo pro meu irmão... Então a minha mãe sempre gostou que a gente tocasse. Então a gente tinha uma vitrola em casa e eu tocava acompanhando os discos. E depois veio o CD, que eu continuei acompanhando... até hoje eu faço umas coisas assim, acompanhando coisas no Spotify, eu gosto muito de ouvir música, ouvir o que que o baterista tá fazendo, e orquestra, gosto muito de ouvir cada instrumento, sabe? Eu tenho uma facilidade grande de... de sentir a música, então eu... até hoje eu faço isso, de acompanhar músicas de Spotify, de gravação, até hoje. E o aprendizado é isso. A gente nunca para de aprender. A gente tá sempre desenvolvendo aquilo que a gente veio fazer, né? O talento a gente tem, e aí a gente tem que continuar aprendendo, se não acomoda e a gente para naquilo. E não é bom. Então existe uma coisa importante, uma relação entre o talento e o aprendizado. Mas... o que eu acho mais legal é que eu não tenho muita dificuldade de... de pegar as coisas, sabe? Tanto é que violão eu toco bem pouco, mas quando o meu irmão me passou alguns acordes, eu sei me virar bem de violão. Não assim, pra fazer umas coisas difíceis e tal, não, mas eu consigo acompanhar algumas coisas, consigo... e percussão é a mesma coisa, quando eu fiz o curso de percussão pelo MEC, eu desenvolvi rapidamente, porque tá dentro de mim, isso. Mas eu não quero nunca parar de aprender.

Maria Clara: É... Que legal! E... posso fugir um pouquinho do roteiro?

Shu: Claro!

Maria Clara: Pra perguntar... é... que tipo de música que você gosta mais, assim?

Shu: Música popular brasileira.

Maria Clara: É?

Shu: Bossa nova, é... essas coisas assim. Gosto até de alguns... é... de alguns sambas que tem, alguma letra que... que seja uma letra boa, que não seja essa porcaria que toca hoje em dia. Agora, eu gosto muito de bossa nova. Gosto muito de jazz também. Gosto muito de música orquestrada, sendo jazz ou não, ou bossa nova ou não, gosto muito de ouvir orquestra. Música clássica eu gosto muito também. Mas não ópera, ópera nem pensar. Não gosto de ópera, é engraçado. Talvez porque eu não possa acompanhar os libretos que... que vêm na ópera, né, mas eu não gosto de ópera não. Aqueles caras cantando, assim, com aquela voz, não... Eu não gosto. Agora... o que mais que você perguntou? Que que é que... ah, de que tipo de coisa... agora, você quer saber o que eu não gosto?

Maria Clara: Ah, quero saber também, pode falar! (risos)

Shu: Eu não gosto de música... olha, seus amigos, seus colegas de classe vão até brigar comigo. Eu não gosto de música sertaneja que toca agora. Eu gosto de sertanejo raiz, do que era antigamente. Mas essas sertanejas que tocam agora não. Agora, tem alguns pé-de-serra que eu gosto, tem alguns forrós que eu gosto, mas de preferência, eu prefiro mais a MPB de bossa nova, de coisas mais... mais sutis, vamos dizer assim.

Maria Clara: Ah... entendi.

Shu: Tá bom?

Maria Clara: Legal. É... E a próxima pergunta é... é como é a sua relação com outras formas de arte, diferentes da música?

Shu: Olha, na verdade eu não tenho nenhuma relação com outras artes, porque... pintar não dá; escultura eu nunca tentei porque não... não me agrada, assim, não... eu não tenho. Eu gosto mesmo é da música, assim, arte, pra mim, tem... bom, apesar de que fazer um café, pra mim, eu considero uma arte. Eu considero... se você faz com carinho, faz... tudo que a gente faz nessa vida a gente acaba pondo um pouquinho da arte. Mas assim, arte, em termos de pintura, escultura, essas coisas, eu não tenho. Nenhuma, mas eu vejo que tem arte em fazer o café. Aliás, eu tenho até um filme, que, se você quiser, eu posso te passar o nome dele...

Maria Clara: Ahã.

Shu: Eu fiz ele quando eu era mais nova, né. É um filme chamado “Vida de artista”. É um amigo meu que... que fez esse filme e eu acho legal se você colocar esse filme no seu trabalho.

Maria Clara: Eu vou colocar. Vou anotar o nome aqui, per aí.

Shu: Depois eu passo pra você direitinho. Chama assim, “Vida de artista”, tá no YouTube.

Maria Clara: Ah, que legal!

Shu: Tá? É isso.

Maria Clara: Obrigada. Vou assistir. É... e aí, a próxima pergunta é... já dialoga bastante com o que você contou do seu processo todo, e tudo, eu acho, né, mas eu queria saber o que você acha que... o que você acha que falta pra tornar a música mais acessível a pessoas com deficiência visual e também o que você acha que já é bom, algumas coisas que te ajudaram, ou...

Shu: Bom, uma das coisas que eu acho muito importante é a relação professor e aluno. O deficiente visual, ele é tachado, às vezes, um pouco como meio alheio, sabe, a algumas coisas. Depende muito do professor. Eu acho que essa... essa relação entre professor e aluno, em... em o professor sentir o que que aquele aluno tá precisando, é muito importante. Eu, por exemplo, posso trocar uma ideia com você do seguinte: eu já dei aula de bateria num colégio, mas pra alunos que não tinham deficiência. Então eu me dedicava o máximo pra entender o que que eles tavam querendo, o que que eles tavam precisando, qual era a relação deles com o instrumento. Tinha alguns alunos que não queriam saber de nada, tinha alguns alunos que queriam muito... depois, quando eu saí do colégio, até tiveram aula comigo na minha casa... Então, eu acho assim, que é uma troca de energia. Tanto o deficiente dando aula como o professor que não é deficiente dar aula pra quem é deficiente. É muito importante essa relação de sentir, ver onde que o aluno tá com dificuldade... é... se ele

aceita bem a falta de visão dele, se ele tem sensibilidade, né? Agora, outra coisa muito importante são as partituras em braile. Existem as partituras em braile. Mas é muito complicado, hã... por exemplo... vai, vamos supor, pra uma baterista como eu. Se eu quisesse ler alguma coisa – eu não leio nada, tá? Eu só aprendi partitura pra fazer o exame da Ordem, mas... eu não tenho... eu não tenho mão pra ler, porque braile é mão. Só se eu ler com a ponta do nariz, porque (risos) eu uso os pés e as mãos! Não dá pra eu ler. Então isso é uma das maiores dificuldades que tem. A gente precisa decorar a partitura pra depois tocar. E isso sempre foi a minha grande dificuldade. Mas, como eu acompanhei muito disco e ouvi muita coisa, então eu aprendi de ouvido, sabe? Então eu... eu... eu não tive. Agora, a gente tem dificuldade em arrumar trabalho, por exemplo, numa orquestra, tá? Porque o maestro, ele te dá a partitura e vai embora. Aí ele fala “toca”. Aí você fala “toca? Tocar o quê?” Não dá pra saber. Né, precisa... eu não consigo tocar sem decorar uma partitura, por exemplo.

Maria Clara: Entendi.

Shu: Agora, o que tem de bom é que, por exemplo, o deficiente visual, ele fica mais pra dentro, quando ele tá aprendendo música, ele fica mais atento, mais concentrado, né. Porque ele não perde tempo... não é tempo, mas ele não perde, por exemplo, a... a forma ilusória, de ficar olhando aquele, vendo esse, ficar prestando atenção na roupa que o outro tá, como que não tá... Ele vai e se concentra pra aprender.

Maria Clara: E... interessante.

Shu: Muito.

Maria Clara: Não tem a distração, né?

Shu: Não tem.

Maria Clara: Que legal. É... e eu queria saber também... com outras artes. Alguma que em algum momento você teve interesse e... e tudo. Teve alguma coisa que você acha que ajudaria? Algum interesse em outra arte que...

Shu: Quer saber? Nunca.

Maria Clara: Nunca?

Shu: Não. A música pra mim sempre foi, assim, completa. Eu nunca tive intenção de aprender escultura, aprender pintura, aprender... nada. Pra mim a música é... é, assim, um trabalho que eu adoro, e eu... e eu me completo com ela. Apesar de ter outra profissão, mas eu me completo com a música. E a outra profissão que eu tenho... Posso falar dela?

Maria Clara: Pode! Pode (risos), já é a próxima pergunta!

Shu: Ah, é?

Maria Clara: É.

Shu: Então qual é? Fala aí a próxima pergunta.

Maria Clara: É... é. Com o que você já trabalhou ao longo da vida, pode ir falando.
(celular toca)

Shu: É... vou... vou desligar meu celular, peraí.

Maria Clara: Se... se quiser pode atender.

(pausa)

Shu: É... o que que era mesmo?

Maria Clara: É com o que você já trabalhou. Ou trabalha.

Shu: Eu... eu... olha, eu já fiz tanta coisa nessa vida. Olha, pra começar, eu sempre trabalhei com música. Segundo lugar: eu trabalhei... ah, eu fiz uma faculdade de Letras.

Maria Clara: Ah, é?

Shu: É, pegando tudo pelo método braile, tudo. É, sou formada em Inglês-Português. Então eu fui trabalhar como instrutora cultural no Centro Cultural São Paulo da Biblioteca Braille.

Maria Clara: Ah!

Shu: É.

Maria Clara: Que legal.

Shu: As pessoas iam lá pra fazer... pra fazer pesquisa, e eu ajudava nas pesquisas nos livros da Biblioteca Braille. É... Bom. As outras coisas que eu fiz foi... trabalhei com alguma coisa com vendas, mas assim... não foi... não era o meu... o meu canal pra querer trabalhar. Aí, eu... eu... eu tava numa situação assim: E agora? Música nesse país não dá dinheiro pra viver. Que que eu faço? Fui fazer um curso de COBOL. Sabe o que é COBOL? Linguagem de banco por computador.

Maria Clara: Hã?

Shu: Foi a pior viagem que eu fiz. Menina, eu... eu tive, assim, um desentendimento dessa informática, eu odiei trabalhar com computador.

Maria Clara: Oh.

Shu: Sabe, foi muito difícil pra mim. Mas eu fui trabalhar numa empresa e comecei a programar linguagem de banco. E aí, eu... pelo amor de Deus, saí. Fiz um curso de massagem, depois fiz outro, e fui fazendo cursos e me dediquei pra massoterapia, ou seja, eu uso as mãos pra tocar e pra fazer massagem, que é uma coisa que eu gosto demais de fazer, amo fazer. Então, tudo é pelo toque, pelo sentir... Tem pessoas que às vezes chegam pra fazer massagem comigo e aí eu dou um toque, assim, falo “o que... tudo bem?”, e então a voz da pessoa fala “ah, tudo bem...”, aí eu falo “que que foi, aconteceu alguma coisa? Tá triste? Por quê?”. Então, vai o sentir, sabe? Eu uso muito o meu sentir. Então, tem vezes que eu faço massagem na pessoa que ela acaba me contando muita coisa.

Maria Clara: Ah...

Shu: Porque... o meu sentir é muito aguçado, né, pelo fato de eu não estar vendo. E isso também acontece muito... é... na rua, quando eu tô no metrô, ou quando alguém me atravessa a rua também, entendeu? E eu não... eu não me... eu não fico atenta ao que ele tá vestindo, ou se ele tá... é... com o cabelo mal penteado, ou... nada. O que me importa mesmo é o que ele tem dentro dele, então o meu sentir vai indo e eu vou desenvolvendo essa... essa parte, tanto na massagem como na música.

Maria Clara: Nossa... que lindo!

Shu: E levar alegria pra todo mundo, né, que é o que eu mais gosto de fazer. Nessa... nessa história de tocar e de fazer massagem, a pessoa sai lá da... da massagem feliz da vida porque a gente começa a conversar e... e a pessoa conta, aí você vai, leva uma mensagem positiva e... e acaba deixando a pessoa mais alegre do que tava.

Maria Clara: Que lindo! E é... é a mesma essência, né?

Shu: Exatamente.

Maria Clara: Nossa...

Shu: Por isso que eu peço que sempre... é... assim... peço às forças aí, por... (riso) é, as forças universais, que protejam as minhas mãos. Porque as minhas mãos... eu faço com elas o que eu posso pra dar o melhor.

Maria Clara: É, tem que proteger mesmo!

Shu: É.

Maria Clara: É... que lindo! Nossa... É... Nossa, nem dá vontade de fazer a última pergunta! (risos)

Shu: Qual é a última pergunta? Ih, a gente estica depois!

Maria Clara: Ah... é... eu queria saber, assim, como foi o... o apoio, a sua relação com a sua família ao longo de todas as suas escolhas, né. Você já falou bastante do seu irmão, da sua mãe, que sempre te apoiaram, né?

Shu: É, então. A... a minha família foi, assim, um pouco... É assim. Meu irmão é deficiente visual também, certo?

Maria Clara: Ahã.

Shu: E eu tinha uma irmã do meio que era, mas ela acabou falecendo no último ano da faculdade, com 22 anos, ela faleceu, e ela... ela era deficiente visual também. E, na família, só nós três, mais ninguém.

Maria Clara: Nossa.

Shu: E... o meu pai, ele, quando viu tudo isso, ele perdeu um pouco a noção das coisas e desequilibrou... né?

Maria Clara: Ah...

Shu: Ele não... não fez, assim, grandes coisas por nós. Porque ele não sabia como lidar. Agora, a minha mãe, não. Minha mãe, ela fez o seguinte. Ela nos colocou num colégio... é... comum. Não... não quis jamais colocar num colégio interno junto com deficientes pra que a gente não crescesse alienado. E ela sempre deu total apoio pra tudo que a gente quisesse fazer. Com música... é... ela... ela me via saindo de casa com os pratos da bateria, porque o baterista sempre carrega os pratos e o pedal, né. A bateria não, mas os pratos e o pedal são coisas que a gente carrega porque a gente gosta daqueles que são da gente.

Maria Clara: Ah...

Shu: Então ela me via saindo dez horas da noite, com os pratos e o pedal na mão, e eu voltava cinco, seis horas da manhã.

Maria Clara: Nossa.

Shu: Meu irmão também. Então ela criou a gente, e me criou, de uma forma que eu conseguisse me virar. Tanto é que depois ela... ela ensinou tudo pra gente, tudo. É... cozinhar, lavar, lavar roupa, fazer café, tudo. Tanto é que... depois eu casei, meu irmão também, e... eu criei minha filha, né, e... numa boa, assim, não tive problema nenhum pra criar a Priscila, porque ela deixou tudo palmilhado, assim, pra mim. Me ensinou tudo, como cuidar, como fazer... e até hoje eu faço, me casa, praticamente tudo, porque a minha filha trabalha, né, e eu também, mas a mãe sempre sobra, né! (risos) É isso. Então, da minha família, assim, dos tios, primos, sei lá, não... não tive, assim, muito... é, muito, assim... apoio, não tive... primos, a gente brincava muito, mas assim, é... o pessoal era um pouco antigo, então tinha um pouco de dificuldade em aceitação, e tal.

Maria Clara: Ah...

Shu: Mas a minha mãe não. Lutou pra burro pra poder criar a gente legal, assim, pra... ensinou tudo pra gente. Agora, o que é bom é que depois de um tempo eu fui, ao longo da minha vida, encontrando muitos amigos, inclusive você. E eu convivo com esses amigos sem problema nenhum. Tenho muitos, muitos, muitos amigos, que convivem comigo, enxergando ou não... imagina, agora eu não enxergo mais nada. Eu perdi a minha visão quando eu tinha uns treze, por aí. Catorze... Mas eu não... foi tão gradativo que eu não... não percebi, assim. Então é... é... os meus amigos me tratam normalmente. Aliás, com muito carinho, muito mais carinho do que os próprios familiares, assim.

Maria Clara: Ah... legal!

Shu: Legal?

Maria Clara: Que bom! (risos)

Shu: Mais alguma coisa que você queria saber, assim...

Maria Clara: Ai... ah, não sei...

(pausa)

Shu: E aí?

Maria Clara: Ah... Acho que do roteirinho que eu tinha preparado era mais isso.

Shu: Era isso?

Maria Clara: Mas se... você quer contar alguma coisa? Se quiser, pode! (riso)

Shu: É... é, assim, fora de pergunta, fica... fica, assim, né, complicado, mas... uma das coisas que eu quero, assim, ressaltar, é a beleza disso tudo, né? De... de a gente... de... de eu me sentir muito agradecida a Deus por isso, sabe? Pela minha deficiência. Porque... é uma forma de... que eu encontrei pra minha evolução. Então, eu, por exemplo, eu poderia ficar revoltada, poderia ficar brava, poderia não sair de casa... Mas muito pelo contrário! Eu não paro em casa. E não fico brava. Mesmo que eu esteja andando na rua, e de vez em quando eu encontro, por exemplo, um caminhão, parado na calçada, e a carroceria é mais alta e a bengala não bate, porque é alto, e aí eu “*paw*”, bato a minha cabeça! Na hora, eu falo assim: “Puxa vida!” Aí eu penso assim, “não... vamos lá. Mais um degrau”. Então vamos... sabe? Vamos em frente. Não... não desanimar não, entendeu? É... são coisas que acontecem. E outra coisa: eu tenho a grande oportunidade de encontrar muita gente legal, na rua, sabe? Que ajuda, que... que... e que tem sentimento dentro do coração pra poder ajudar. É isso. Então eu... eu não tenho nada pra reclamar, só tenho o que agradecer. É isso.

Maria Clara: Ah... Shu. Você é uma inspiração pra mim.

Shu: Ah! (riso) Inspiração eu não sei, mas que... que a gente vai levando essa vida numa boa, vai... vai, porque ela é boa mesmo, ela... ela é... ela foi dada pra gente e a gente tem que... né? A nossa caminhada, ah, vou dizer pra você. É fácil? Não. Mas é difícil? Também não. Que que a gente tem que fazer? Se animar, sempre pensar que tem algo maior na frente, um objetivo grande, e que a gente tem que seguir a nossa caminhada agradecendo. Sempre agradecendo, porque... é uma forma que a gente tem de evoluir. Então... tá aí, né?

Maria Clara: É!

Shu: É isso!

Maria Clara: Ah, muito obrigada!

Shu: Não, eu que tenho que agradecer você pela grande oportunidade que eu tive. E quanto à sua professora, se ela quiser publicar alguma coisa, e se quiser falar comigo, ou no dia da apresentação quiser me levar na faculdade, eu tendo um tempo... eu, nesse momento, assim... o dia que precisar, eu vou lá!

Maria Clara: Ah, legal!

Shu: Vou! Claro que vou. Pra conhecer seus amigos e a sua professora também.

Maria Clara: Tá bom.

Shu: Tá bom?

Maria Clara: Obrigada.

Shu: Eu que agradeço a honra de ter sido chamada pra fazer essa entrevista.

Maria Clara: Ai, a honra foi... toda minha, viu, Shu! Muito obrigada.

Shu: Ah, vamo... vamo parar com essa rasgação de seda, vai!

Maria Clara: (risos) Tá bom!

Shu: É uma honra nossa! Vamos agradecer a oportunidade que nós tivemos, tanto você como eu, de a gente ter cruzado nossos caminhos. Né?

Maria Clara: É... é verdade.

Shu: Isso.

Maria Clara: Obrigada. Vou desligar.

Shu: Vai.

Vida de artista

<https://www.youtube.com/watch?v=v5KFYScap3w&t=284s>